

# JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

## ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis  
Com estampilha . . . . . 600 »  
Fóra do reino accresce o porte do correio  
avulso . . . . . 20 »  
Redacção e administração—LARGO DA PRAÇA—Ovar

## PROPIETARIO E EDITOR

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

## PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha  
Anuncios e comunicados . . . . . 50 » » »  
Repetições . . . . . 25 » » »  
Anuncios permanentes, contracto especial.  
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

## O GOVERNO E A AGRICULTURA

Quando uma industria dispõe de todos os meios de progresso, de capitaes, de saber theorico e pratico, materias primas baratas, de instrumentos os mais perfeitos, a liberdade de commercio provocando um maior esforço dos produtores, pôde ser a causa do aumento da producção e da barateza dos productos, sem prejudicial-a.

A necessidade de concorrer obriga-a a uma transformação para a qual está habilitada. Aquelle principio, aliaz verdadeiro na sua generalidade, não é applicavel a todas as circumstancias—os agricultores portuguezes, sem capitaes, sem credito favoravel, sem adubos sufficientes, sem methodos nem instrumentos aperfeiçoados, que não conhecem a composição do solo, cujas camadas araveis são geralmente pouco fundas, esgotadas por culturas successivas, sem as industrias, que lhes são proprias, e que associadas á agricultura propriamente dita dariam valor a muitos productos, que sem ellas não seriam remuneradores, sem agua, sem o tempo necessario para as experiencias, e sem o estudo dos terrenos, arruinavam-se com a liberdade de commercio.

Em todo o problema as soluções devem ser sempre as mesmas em identidade de circumstancias, mas quando estas são differentes, quando falta alguma d'ellas, a lei, o principio theorico, modifica-se necessariamente.

Entre nós attribuem-se á livre troca as vantagens, que resultam das condições especiaes, em que foi applicada n'outros paizes.

Felizmente já não illudem os nossos estadistas as ideias de Bastiat, mas ainda as pautas estão mal relacionadas com a nossa situação agricola e fabril, ainda não se virou para as questões economicas a sua attenção com o desvelo, que ellas merecem, e necessitam.

A reforma da agricultura exige muito capital.—

Acaso já se viu bem, em que ha de consistir essa reforma? qual o fim a que aspira?

O fim principal é obter mais sementes do mesmo terreno—para isso é preciso augmentar o fundo da camada fertil ou aravel—e nós sabemos que os lavradores lhe conservam sempre a mesma altura ou limite com receio de a esterilizar.

Já se avaliou quanto capital convertido em adubos seria preciso para esse resultado?

Quanto se despenderia só na compra dos instrumentos aperfeiçoados?

O paiz não o tem, e quando o tenha não está nas mãos da grande maioria dos agricultores—e o emprestimo seria colossal, ruinoso, e anti-economico, a operação negativa, e impraticavel, e mesmo a cultura intensiva não seria applicavel a todas as localidades.

Assim pois uma transformação rápida da industria agricola é impossivel.—Não se espere o seu progresso senão do tempo.

Em 1870 um officio da presidencia de ministros, que eu e o sr. Ayres de Sá Nogueira, homem de muita iniciativa, e o grande promotor da Real Associação Central da Agricultura, solicitamos do sr. duque de Saldanha, veio convidar-a a esclarecer o governo sobre as medidas mais convenientes para activarem a nossa principal industria.

Reunida a assemblêa geral nomeou uma commissão para responder ao officio—fazendo parte d'esta commissão eis ahi o que propuz.

«Nada nas actuaes circumstancias (que ainda são as mesmas) se pode emprender com mais vantagem e com resultados mais immediatos do que fornecer-lhe a agua necessaria ás irrigações, esse elemento poderoso de fertilidade—D'ahi resultaria:

1.º Augmento de pastagens e gados e portanto de adubos.

2.º Uma producção maior, mais certa, mais regular, o que muito contribue para diminuir as differenças de preços.

3.º Mais barateza nos alimentos de primeira necessidade, sem se recorrer ao meio artificial e ruinoso de abater as pautas dos cereaes, forçando a agricultura nacional a uma concorrência abrupta o que ainda hoje se faz por assim ser preciso.

4.º Augmento de materia collectavel as terras de 2.ª e 3.ª ordem passando á 1.ª.

5.º A creação de mais uma fonte de receita, se a agua se arrematar ou vender depois de obtida pelo Estado.

Além disso apresentamos á commissão um methodo muito simples de avaliar as terras e de repartir os impostos, que por proposta do Sr. Pinto Coelho approvedo em assemblêa geral se juntou á representação dirigida ao governo—de que fallaremos.

Devia crear-se um partido agricola; que unido a qualquer dos militantes, ou a ambos se lizesse valer no parlamento, fosse qual fosse o que dominasse; seria original, mas eu comprehendo o seu papel d'annexo, em todo o caso necessario para obrigar os governos a uma acção energica em favor da classe mais numerosa e productora.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

## A VOLTA DOS "IRMÃOS UNIDOS,"

Ambos os «unidos» só têm pesadelos por causa da camara; berram, mentem, caluniam.

Um diz «que a camara paga ao Manoel das Cabras o ordenado de guarda da Estrumada, quando já não ha mattas municipaes».

E' falso que se paguem ordenados a guardas.

A outra diz «que se vendem manu a manu bens immobiliarios, como são edificios camararios e terrenos adjacentes; que se alienaram as casas da guarda e terrenos annexos do Carregal do Norte e Bairro de S. José, não obstante

haver sido negada superiormente auctorisação para os «forar».

Ora a «irmã» que se mostra tão bem informada dos negocios da camara, d'esta vez, como sempre, deitou asneira.

Ralhe com o informador, e peça as informações por certidão, e verá que as cazas da guarda e terrenos adjacentes foram alienados em hasta publica, existindo archivados na camara os respectivos autos, e poderá saber mais que as praças foram annunciadas e bem concorridas.

Os «irmãos» berram com a mesma razão com que berram as creanças, quando veem a chucha, a que estavam acostumados, e não lhe podem chegar.

A camara não é má chucha, mas seccou-lhe o leite.

O «irmão» não se cança de deitar asneiras e manifestar o odio, que lhe vae n'alma, contra aquelles que nunca se occultaram de lhe cantar as proezas.

As aleivosias porém que vomita não precisam de ser desmentidas, attendendo ás suas reconhecidas manhas.

A falta de correctivo torna os covardes ousados.

O «irmão» depois de engulir tudo quanto tinha dito sobre a estrada de Pardilhó, volta novamente á carga, porque nunca pôde perdoar a quem lhe destruiu o plano do biunvirato do partido regenerador local (os dois irmãos).

Tenha paciencia; costuma dizer-se que ás trez é de vez, porém o «irmão» assim não diz, porque á terceira vez, que insistiu com o *penacho* regenerador ficou como d'antes.

E' muito conhecido para se poder disfarçar.

A «irmã» d'accordo com o «irmão» arranjaram o *Calvario* da camara; e um dos crimes apontados é o maninho de S. Silvestre.

Como a questão está affecta ao tribunal, não a podemos nem devemos discutir, senão depois da resolução definitiva, e então se verá de que lado está a razão.

Não queira a «irmã» ser juiz de tal pleito: Limite a sua jurisdicção ás *irmandades*, e está muito bem.

A Camara se fôr para o *Calvario*, lá tem o seu logar no meio de dois ladrões, se porventura elles não tiverem já ido para as profundas do inferno.

«Que riqueza! D'onde veio e para onde irá? Declara o «irmão» que tem os credits sufficientes para empresas *honestas* sem necessidade de explorar papalvos ou finorios.

E' verdade. Haja vista as empresas do real camarario, por cujas contas, os srs. Manoel Valentim d'Almeida e Manoel Ferreira Dias esperam, ha annos.

Chama filha, antes que te chamem...

Mais moralidade do «irmão». Não quer jogo de parar, porque arruina familias, e obriga á emigração para o estrangeiro.

Estes moralistas, lembram-nos a *Satyra á Juvenal*, dirigida a uma individualidade de preponderancia na politica portugueza, que começava assim:

«Esse cynico de face austera, que ahi vedes, flagelando o vicio, é o mais infame da vil cafila dos corruptos».

## PEDIDO

No ultimo numero da «Discussão», n'uma local, em que se noticiava o anniversario do Sr. Dr. Sobreira, era-lhe dado o titulo de *conselheiro*, o que não é a primeira vez.

Como desejamos, dar a cada um o que é seu, pedimos a fineza de nos dizer qual a data do decreto, com que foi agraciado sua Ex.ª e bem assim o n.º do Diario do Governo, em que foi publicado.

## AGRADECIMENTO

Em nome do Sr. Francisco Ferreira Coelho e devidamente auctorisados, agradecemos os elogios que a «Discussão» e «Ovarense» lhe têm dirigido, com declaração, porém, de que lhe seria muito mais agradavel, que os «adois» guardassem a sua *cantiga*, para quem lh'a pudesse e quizesse pagar.

## PELA VERDADE

Simplemente degradante. Mal imaginavamos ao terminar o nosso artigo, sob a mesma epigraphe, manifestando o desejo sincero de que queriamos vêr desfeitas, por completo, todas as suspeitas sobre os obscuros casos do matto e dos favores feitos á «Varina», que a nossa decepção seria tão completa.

Lastimamos profundamente, que o orgão do Sr. Dr. Sobreira o collocasse numa situação tão critica, com a resposta que nos acaba de dar.

Não acreditamos, que o Sr. Dr. Sobreira fosse ouvido sobre o que se escreveu, e a nossa opinião, é que, algum mal intencionado, no manifesto proposito de o prejudicar, veio fazer declarações para que não estava auctorisado.

Mas, por outro lado, o Sr. Dr. Sobreira, como director da «Discussão» tem a responsabilidade do que ahi se escreve, sobre tudo quando se refere a actos seus.

Declara a «Discussão» que a fabrica de conservas a «Varina», de que é socio o Sr. Dr. Sobreira, aliena o terreno do Largo do Martyr, que adquiriu por 800\$000 réis, logo que haja quem dê trez contos de réis,—a mesma quantia que foi offerecida á camara, antes da cendencia á fabrica.

E' triste, é doloroso, com verdade o dizemos, vêr confessar, com indiferença e até com gala, a practica de actos maus.

Então o terreno foi cedido para a fabrica fazer edificações, e assim poder desenvolver o seu fabrico, ou foi para revender?

Ficamos sabendo que, segundo a theoria dos dois orgãos «Discussão» e «Ovarense», as camaras devem dar de barato os seus bens para enriquecer sociedades industriaes.

Hoje é posto em leilão o terreno do Largo do Martyr, adquirido pela «Varina»; e amanhã alicioar-se-ha tambem o terreno do Furadouro—637 alqueires de semeadura—que a mesma fabrica apanhou á camara gratuitamente, graças á presidencia do Sr. Dr. Sobreira, socio da mesma empresa.

Com estes favores escandalosos não se tratou de favorecer uma industria, mas sim de enriquecer uma sociedade com prejuizo manifesto das finanças municipaes.

Previa-se, com muita antecedencia, o descalabro das conservas, e era necessario garantir, o mais possivel, os capitaes dos socios.

Entendeu-se, pelo seu verdadeiro lado, a «Caridade», pondo-se os interesses particulares acima dos interesses publicos.

A honra é uma palavra vã, quando nos póde prejudicar.

Está mais do que provado que a fabrica, de que é socio o ex-presidente da camara, nunca precisou, nem precisa, dos terrenos do Largo do Martyr, nem dos do Furadouro, do contrario não se annunciava a sua venda.

Queremos suspeitos d'esta negociata redimir-se, restituam tudo á camara pelo preço porque o obtiveram.

Mas não pára aqui a insania da desvergonha.

A «Discussão» diz tambem que os 40\$000 rs., que o ex-presidente da camara recebeu d'umas mulhersinhas, por virtude da troca d'uns terrenos do Furadouro, os gastou para dar uma gratificação ao actual mestre d'obras da camara, pelos serviços do levantamento da planta dos terrenos da Estrumada.

Ora, o actual mestre d'obras não serviu com a gerencia passada, nem durante ella fez qualquer serviço á camara.

E, assim, a conclusão a tirar, é que, o dinheiro foi recebido por quem não podia nem devia receber-o, e foi gasto em despezas com que a camara nada aproveitou, do contrario perante uma accusação tão grave, qual é a do desvio dos dinheiros municipaes, ter-se-hia dito muito peremptoriamente qual o destino dos 40\$000 réis.

E' espantoso o cynismo com que se fazem taes revelações.

Perdeu a «Discussão» uma bella occasião de se conservar muda, e prestou um mau serviço ao seu director politico, apresentando-o como réu confesso.

## LITTERATURA

## QUE NOITES QU'EU PASSO AQUI NO ROCHEDO

Que noites qu'eu passo aqui no rochedo  
A' borda do mar,  
Inquieto e afflicto, com susto e com medo,  
E sempre a cuidar!

Se chove ligeiro, as aguas correndo  
A choça humedece;  
Viuva não bebas, na gruta gemendo,  
Minh'alma entristece.

Se o cume do pico a lua prateia,  
Ao seu clarear  
Meu peito infeliz suspira e aneia,  
Começo a chorar.

Passadas venturas me vem á lembrança,  
Que doce painell...  
Contemplo depois da sorte a mudança  
P'ra mim tão cruel.

Sem forças, em vão, deitado no leito  
Eu quero dormir;  
Saudade que fere, que rala-me o peito  
Eu entro a sentir.

Saudade da terra que longe deixei,  
E onde nasci;  
Saudade do povo, da gente que amei,  
Mas que eu já perdi.

Saudade da matta do meu sabiá,  
Dos plumeos cantores;  
Dos fructos tão bellos, tão bons que alli ha,  
Saudade das flores.

Saudade das ruas, e rios e fontes  
Que ha na cidade;  
Saudade do prado, dos valles e montes,  
De tudo, saudade!

Que noites qu'eu passo aqui no rochedo  
A' borda do mar,  
Inquieto e afflicto, com susto e com medo  
E sempre a cuidar!

Se durmo cançado de tanto lidar,  
De tanto soffrer,  
Vampiros dispersos pairando no ar  
Em sonhos vou vêr.

Idéas, imagens, crueis pensamentos  
Se avivam então;  
Desperto, meus males, martyrios tormentos  
Mais graves me são,

Taes são minhas noites, que noites de horror,  
Tal é minha sorte;  
São noites eternas de mágoas e dér,  
São noites de morte.

Dr. V. Tavares.

## A CAPELLA DA VIRGEM

Que é feito das flôres da branca capella  
Que ornava-te, oh bella, da fronte a pureza?  
Que é feito do riso com que descuidosa,  
Fruias gostosa tão meiga belleza?

## FOLHETIM

## Contos d'Aldeia

## O gallo preto

(A João de Deus)

Apenas o João do moleiro disse a palavra levantou-se o Gabriel do seu lugar, e declarou com a voz serena, e com as lagrimas a saltarem-lhe dos olhos:

—Sr. mestre, quem ensinou a dizer assim ao João do moleiro fui eu.

Oh! que escandalo, Santo Deus! O mestre ergueu-se de golpe. Os discipulos tremiam como varas verdes; e os mais pequenitos até choravam! Podéra! O que iria acontecer, Nossa Senhora! O mestre ia correr tudo a bolaria, não ha duvida.

O que é lá? gritou o mestre Joaquim com uma voz convulsa. —O que é?

E ficou a olhar para o Gabriel, inclinando com o indicador o pavilhão da orelha direita.

—Fui eu, que ensinei assim — repetiu o Gabriel assustado.

—Vem cá — chamou de afogadinho o mestre — já aqui seu atrevido. E bateu com a palmatoria na mesa. O Gabriel poisou o livro no logar e aproximou-se.

—Aqui já. O mestre descarregou-lhe nas mãosinhas tenras meia duzia de furiosas palmatoadas.

Foi muito bem feito! Apre! Offender a sabedoria do seu mestre!

De uma outra vez, de tarde, aconteceu passar o abbade pela aula do mestre regio. Fóra ouviasse uma gritaria, que, eu sei lá! parecia que o mundo ia acabar.

A' porta da aula estavam tres pobres mulheres, cada uma com um filhinho ao collo.

—Ahi vem o sr. abbade — disse uma d'ellas. — Vamos pedr-lhe, mulheres. Aquillo foi Nosso Senhor que o trouxe por aqui.

Abeiraram-se do abbade, e im-

ploraram-lhe que fosse elle pedir ao mestre que perdoasse por esta vez aos rapasinhos.

—Então o que aconteceu? — perguntou o reitor.

Quem sabe lá; sr. abbade! Elles berregam, que parece que os matam!

Se eu já até ouvi o meu Manoel, que é tam fraquinho!

—E o meu João, sr. abbade, que tam doentinho tem andado.

—E o meu José! aquelle que foi este anno á primeira confissão, sr. abbade; sabe?

O abbade dirigiu-se á porta e bateu.

Quem é? perguntou de dentro a voz aspera do mestre.

—Abra, mestre Joaquim, faz favor?

O abbade entrou. Para os pequenitos foi como se viessem a Providencia.

—Então o que lhe fizeram estes mariolas, sr. Joaquim? — perguntou o abbade, olhando em roda para os alumnos.

O que me fizeram? Roubaram-me dois lapis!

—Oh! que grande peccado! — exclamou o abbade, arregalando os olhos.

Que é feito das côres que o lyrio invejava,  
Que a rosa almejava — tambem possuir?  
Que é feito da paz que morava em teu peito,  
Jamais contrafeito — a pensar no porvir?

Que é feito dos brincos com qu'inda innocent  
Gozavas contente — dos annos a flôr?  
Que é feito do fogo dos olhos galantes,  
Tão negros, brilhantes, tão cheios de amor?

Que é feito da graça com que tão faceira,  
Qual corça ligeira — no prado saltavas?  
Que é feito dos cantos de dôce magia,  
De tanta harmonia — que alegre soltavas?

Ai triste! — que é feito de todo o passado,  
Tão bello, dourado — tão cheio de flôres?  
Ai! triste! trocaste-o, com tua imprudencia,  
Por triste existencia, tão cheia de dôres!...

A branca capella já murcha — esfolhada,  
Por terra lançada — p'ra mais não s'erguer;  
Ai, triste! sem ella que valle o ser bella?  
Sem branca capella — que vale o viver?

S. G. Sousa.

## A Visão dos Tempos — e as Modernas Ideias na Litteratura Portuguesa

V

Ainda quando presumisse de grande crítico, abster-me-hia de publicar o meu conceito sobre qualquer dos nossos escriptores contemporaneos, se não podesse louval-o: a censura sempre fere — custa-me ser desagradavel, e romper a cordialidade attenciosa que sinto em mim, e amo nos outros.

Nem mesmo accetto facilmente os debates na imprensa, só quando envolvendo o meu character, ou os meus actos, me estimulam a defender-me. O Bem Publico, jornal reaccionario, que em muitos numeros, e de um modo grosseiro, questionou o que em 1869 escrevi sobre a Egreja e o Estado e a Indole do Christianismo, ficou sem replica, e da mesma sorte nada contestei ao unico censor dos meus artigos sobre Balsac, que vou reproduzir, e agora justificar, comparando-os, e demonstrando a sua conformidade com outras apreciações mais recentes como a de Paul Albert, laureado professor do collegio de França.

Em minha defeza sou obrigado a exceptuar tambem o sr. Theophilo Braga, por mais que as polemicas me repugnem.

A'cerca da velha reclamação do Firmamento e do Noivado do Sepulchro devo tornar bem patente como nas Modernas Ideias, sem critica, nem scientifica, nem litteraria, me calumniou com intenção ou sem ella — e depois de calorosos protestos, e de uma informa-

ção decisiva que o sr. Simões Dias me obteve no Porto, ainda veio na Revista do Seculo já com teimosia e acinte, uma patacoada bibliografica, d'onde nada se conclue, nem é possível concluir-se e da qual, todavia, o epico da esplendida utopia do futuro concluiu, que infelizmente para mim a falsidade da imputação a Soares de Passos estava provada!

Se é sincero, tenho lastima da sua illusão, da singella confiança, com que ousa afrontar-me.

Nas Modernas Ideias affirma, que no N.º 4.º dos Bardos de 1852 viu publicado o Noivado do Sepulchro.

E' falso. No n.º 4.º dos Bardos publicados e distribuidos em 1852 não viu, nem podia ver o Noivado, só concebido e composto em 1853, e só communicado ao plagiario em 1854.

E' falso. Empraso-o, mais uma vez a que o apresente.

E com isso, persuadiu os que leram a sua descoberta.

Prevedo qualquæ objecção occultou a circumstancia de que a sua prespicacia bibliografica se exerceu na Edição dos Bardos feita em 1854, onde Soares de Passos, ou Faustino de Novaes, intercalou o Noivado; no mesmo anno, antes de se fecharem as aulas da Universidade em virtude d'uma revolta dos estudantes dei ao Sr. Passos em Coimbra uma copia do Firmamento, do Noivado, e da Infancia e Morte, que é uma versão, e que o illustre plagiario dá no seu livro como original por não saber d'onde a poesia foi vertida e que não deixa de ser curioso e significativo.

—E é que nenhum confessa — explicou o mestre. E bradou, voltado para os pequenitos — nenhum confessa mas, eu ra aixo-os, aqui, todos.

O abbade poz-lhe a mão no hombro e serenou-o dizendo-lhe:

—Pois se nenhum confessa, é o mesmo; que vamos já saber quem foi. Espere ahi volto já.

Safu o abbade, e passados instantes entrou na aula, procedido de uma rapariga.

Aproximou-se da mesa e disse: Põe tudo aqui em cima, Josephinha. Assim. Agora vae-te embora.

A pequena poisou uma panella de folha, e tirou debaixo do avental um gallo preto. O abbade met-teu o gallo dentro da panella, cobriu-a com o testo, e principiou assim:

—Fez-se um grande peccado! Roubaram um lapis! Quem rouba um lapis, é muito capaz de roubar tudo! Meus filhos, um de vós commetteu o crime e não o confessa por vergonha. Ora, por cauza d'aquelle que roubou os lapis, vão padecer todos os mais. Ahi teem! Em vez de só fazer um peccado, que Nosso Senhor lhe perdoava,

Tambem na noite precedente á remessa das copias lhe recitei o Firmamento, o Noivado, e a Noite, igualmente appetecida e roubada com algumas estancias já compostas e relativas a outros themas, então longamente desenvolvidas, o que tudo se passou na presença de Silva Ferraz, e na casa, onde moravam na rua dos militares com o Sr. Ayres de Gouvea, e entre este e o poeta infiel uma discussão sobre o valor das Folhas Cahidas de Garrett, e foi o que deu motivo a recitação, e ao abuso de confiança de que se trata!

A narrativa detalhada de quanto sobre a renovação do lyrismo eu disse, nessa noite a Silva Ferraz e a Soares de Passos e no quarto do seu commensal Miguel Teixeira Pinto respondendo a esta pergunta do segundo «O sr. Almeida nunca fez versos?», reserve-a para mais tarde.

No Porto em 1871 estando eu com o sr. Theophilo n'uma sala de Anselmo de Moraes, mal me revelei auctor do «Firmamento», o poeta das Visões exclamou logo — «eu já vi isso, que o Firmamento não é de Soares de Passos».

«O Sr. Vasconcellos ouça o que está aqui dizendo o sr. Lourenço d'Almeida»

O sr. Vasconcellos — «estou ouvindo.

Tencionando uma viagem o sr. Joaquim Vasconcellos pediu a Anselmo de Moraes que lhe guardasse os livros, e n'esse momento, distante de nós, accommodava alguns n'uma estante.

Ivoco o seu testemunho:

Dias depois subia eu com o sr. Theophilo a costeira, que vai da rua d'Almada ao largo da Picaria; fallando-lhe das impertinencias, que havia de soffrer em reclamando as poesias, o sr. Theophilo fez-me esta espontanea promessa. —Estou publicando, como sabe, a Historia da Litteratura Portuguesa e eu pedindo-lhe informações sobre o Passos como seu contemporaneo e conhecido, na resposta tem logar de incluir a sua reclamação, o mais que posso fazer é publicar-a na minha Historia».

Então Julguei ter no sr. Thio-philu um amigo para a vida e para a morte.

Falta pois á verdade, quando nas «Ideias Modernas» e na Revista do Seculo diz, que lhe «causou assombro o facto de haver alguém, que se attribua a propriedade das principaes composições de S. de Passos.

A exclamação repentina, a que já me referi, e a promessa espontanea desmentem o assombro do Dr. Theophilo.

Prevenido como estava, e principalmente depois de ler os meus

se o confessasse e se arrependesse, vae commetter muitos: faltar á verdade, que é tão feio, e depois, deixar que os outros soffram injustamente.

Os pequeninos ouviam o abbade com religiosa veneração

O abbade proseguiu:

—Hão de vir todos, cada um por sua vez, pôr a mão sobre esta panella. O gallo preto ha de cantar logo que sinta sobre o testo a mão criminosa do que roubou o lapis. E fica assim conhecido o ladrão; o sr. mestre Joaquim ha de castigar-o, e eu o não quero ver mais Ora, torno a dizer, se confessar está perdoado.

Na aula, silencio profundo.

—Nenhum se accusa? — disse o abbade. Venha o numero 1.

Foi o numero 1 e poisou a mão sobre o testo. O gallo não cantou.

Foi o numero 2, foi o numero 3 e chegou até ao numero 4.

Antes de chegar a vez do numero 5, todos os olhares convergiram para um canto da aula d'onde partiam uns soluços afflictivos.

—Quem chora ahi? — perguntou o abbade.

(Continua)

artigos no *Districto d'Aveiro*, que a ninguém deixaram anida uma duvida sobre as minhas affirmações, e que eu lhe enviei para Lisboa e para a sua quinta em Joane, quando viu a data de 1852 no dorso dos bardos reunidos na Edição de 1854 devia ao menos suspeitar, que o *Noivado* fora alli introduzido, devia averiguar essa fraude, da qual nem talvez Soares de Passos tivera culpa—roubou o *Noivado*, mas não soube que data lhe punham na Typographia.

O Sr. Theophilo em vez de aceitar essa data como prova autentica, devia antes examinar, se era falsa o que lhe era facil estando no Porto.

E invocando eu o testemunho de Silva Ferraz devia consultal-o.—nada averiguou—contentou-se com a data posta onde os typographos chamam a cruzeira

E note-se ainda, que Soares de Passos não datou com 1852—o *Noivado*—na pagina, onde o lemos.

Com esta fraude ainda que eu o publicasse quando o compuz em 1853, não podia reclamar-o; visto que uma Edição de Bardos o attribuia a Soares de Passos como escripto em 1852

Assim não ha propriedade d'auctor, que resista aos Bardos e ao Sr. Theophilo.

Mas como é que o Sr. Theophilo pretende provar a authenticidade da Edição de 1854?

Como prova ser identica aos *Bardos* publicados e distribuidos em 1852?

Não o prova, nem lhe seria possivel proval-o.

Sabe-se, que na mesma typographia ainda existiam, quando se fez a edição em volume de 1854, o mesmo papel e o mesmo typo.

Sabe-se que a edição se fez com as folhas ainda existentes na mesma typographia—mas sabe-se tambem, que faltaram algumas, e que estas se reimprimiram com poesias novas (em parte.)

E a informação, é o testemunho de um contemporaneo d'ella, o sr. José Lopes da Silva, livreiro da rua Chã do Porto que sem saber da questão, assim o referiu ao sr. Simões Dias, cujo testemunho invoco tambem.

O sr. Simões, cuja seriedade todos nós conhecemos em Ovar, a quem pedi o obsequio d'examinar na Edição dos Bardos como seria possivel achar-se alli a data de 1852, quando o *Noivado* fora composto em 1853, mostrou-se curioso do problema, e indo ao Porto informou-se com o sr. José Lopes, a quem se dirigiu por indicação dos srs. Magalhães, dos Loyos.

Soube do velho livreiro o que era infallivel ter succedido e ainda o sr. Lopes lhe lembrou outro informador, o sr. João Diniz autor das *Aquarellas*, e sobrinho do dono da typographia, onde os Bardos se imprimiam.

Immediatamente lhe escrevi, e soube pelas suas cartas, que o *Noivado* fora publicado a *instancias* de Faustino de *Novaes* e prometteu-me averiguar com o seu amigo, e distincto escriptor, o sr. José Pereira Sampaio, a questão da triste ballada.

Provada está pois a falsidade do Sr. Theophilo, consciente ou inconsciente.

O Sr. Theophilo já teimou em que uma carta escripta por Rodrigo Felner era de Ayres Barbosa, e *authentica*, o que lhe valeu do *Diario Illustrado* um longo e divertido folhetim, que publicaremos.

Não está provado, que o *Noivado* é *authentica* de Soares de Passos, o que eu provei, é, que o Sr. Theophilo assim concluiu pedantemente.

Resta-me satisfazer aos que me perguntam, porque não reclamei durante a vida do imprudentissimo plagiario; será no numero seguinte.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

**Boletim Elegante**

Fazem annos:  
Hoje, a Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> Gracia d'Oliveira Gomes Bonifacio e o menino José, filho do Sr. Jose Marques da Silva Terra.  
No dia 5, o Snr. José Maria da Costa e Pinho.

Esteve a semana finda entre nós o Snr. Francisco Mattos, nosso conterraneo e administrador do nosso collega «Correio d'Albergaria».

Ficou approved, no 2.<sup>o</sup> anno do curso dos Lyceus, o estudante Manoel Pacheco Polonia, filho do nosso Ex.<sup>mo</sup> amigo o Snr. João Pacheco Polonia.

Ao applicado estudante e sua familia, enviamos os nossos mais sinceros parabens.

Chegou na passada sexta-feira a esta villa, vindo de Manáus, o Snr. José d'Oliveira da Cunha.

**NOTICIARIO**

**EPEDEMIAS**

Grassa com intensidade, n'esta villa, a variola e sarampo, a que é urgente oppôr medidas prophylaticas, para o que chamamos a attenção dos Snrs. Sub-Delegado de saude e administrador do concelho.

**VACCINA**

Na proxima 3.<sup>a</sup> feira, dia 3 do corrente julho, haverá, na admnistração d'este concelho, vaccina, pelas 10 horas da manhã, para as creanças, e revaccina para os adultos.

**DR. EMILIO ALEIXO,**

Concluiu, no presente anno, a sua formatura na Faculdade de Direito, na Universidade de Coimbra, o nosso prezado amigo o Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Antonio Emilio Rodrigues Aleixo, filho do Snr. Manoel Rodrigues Aleixo, d'esta villa.

Ao novel doutor e a sua ex.<sup>ma</sup> familia enderessamos o nosso cartão de sinceras felicitações.

**CARCEREIRO**

Foi nomeado carcereiro das cadeias d'esta comarca e concelho, o Sr. José Simões Bazilio.

**ROUBO**

No dia 23 de Junho findo, foi apresentada, na administração d'este concelho, por Manoel Pinho Victoriano, do Molarêdo, da vizinha freguezia de Vallega, queixa contra Maria Quintina, solteira, pescadeira, da rua Velha, d'esta villa, por esta, no dia 15 para 16 do referido mez, ter roubado em casa do queixoso duas voltas d'ouro e respectivas medalhas tambem d'ouro.

Foi preza. E na administração, apoz um largo interrogatorio, feito pelo administrador Snr. Dr. Marcellino, a desgraçada confessou o crime.

**...Snr. redactor do "Jornal d'Ovar"**

O periodico d'esta villa a «Discussão», n.º 567, de 24 do corrente em defeza da gerencia camarraria do Snr. Dr. Sobreira, diz no seu *respigando* um acerbo de falsidade no ponto em que se refere á minha pessoa.

Narremos:  
Em um dia de sessão camarraria da vigencia do Snr. Dr. Sobreira, foi mandado comparecer a essa sessão, achando-se representada tambem, a firma Peixoto, d'esta villa. O assumpto a tratar era: eu ceder gratuitamente á camara todo o leito, que viesse a occupar uma estrada planeada por aquella firma para estender mais os seus dominios para o nascente da sua fabrica de telha.

Essa estrada deveria partir de em frente á viella das Luzes, e entroncar com a dos Pellames, em frente do pinhal de José Maria Gomes Pinto, mas deixando, entre ella a fabrica do Peixoto, uma orla de terreno não inferior a 10 metros de largura em toda a extensão da estrada, obrigando-se a referida firma a fazel-a com cacos da sua fabrica, e não calhau, (uma obra prima para durar só 15 dias), no que a camara concordava cedendo-lhe, em compensação do beneficio recebido, toda a orla de terreno mencionada por cento e tantos mil reis, quando é certo que essa orla valia 800\$000 réis preço que offereci e pelo qual ainda hoje estou prompto a aceitar o dito terreno, incluindo-se n'este preço todo o leito do antigo caminho que passa por defronte da fabrica e vae até proximo da estrada dos Pellames.

O terreno, que me pertence e que a camara queria que eu cedesse gratuitamente á firma Peixoto ficava a poente da estrada projectada, terreno que eu computei desde logo em 300\$000 reis, significando, d'est'arte, á camara que o não cedia gratuitamente pelo que não se chegou a accôrdo.

O Sr. Dr. Sobreira, nem então, nem posteriormente aceitou a minha proposta sobre a alludida orla de terreno, o que facilmente se explica pela boa vontade de servir a firma Peixoto, e pelo manifesto antagonismo politico entre mim e sua Ex.<sup>a</sup>

A minha consciencia, porém, não podia calar a voz da verdade, e, já publicamente, já particularmente, fiz sciente de que á aquella orla de terreno podia valer 800\$000 réis; e, como já referi, compro-a por este preço a quem direito tenha a vendel-a.

A'cerca dos terrenos do Martyr, que ficam para o nascente do ramal da estrada, que vai em direcção á estação, estendendo-se até a linha ferrea, e que pertenceram á camara e á junta de Parochia, a confinarem do norte com a propriedade, que era dos Snrs. Arallos, do sul com a estrada real n.º 40, e que estão hoje em poder da «Varina» e da companhia Real, cumpre-me dizer que se os juntarem conforme estavam antigamente, e os donos queiram vendel-os, eu compro-os por 3.000\$000 réis, apezar de saber que ha quem offereça maior quantia

Ficam assim acclarados os factos, e convença-se a «Discussão» que a poeirada, que espalha em defeza do Snr. Dr. Sobreira, não cega a ninguém.

Doeu-lhe as verdades do «Jornal d'Ovar», mas tenha paciencia são amargas mas são verdades.

Contra factos não ha argumentos.

Ovar, 27 de Junho de 1906.

Manoel Gomes Larangeira

Garantimos a veracidade da assignatura e estamos auctorisados a entregar o original para poder ser exigido o cumprimento dos efeitos feitos n'esta carta, desde que seja depositada a quantia de 500\$000 reis, para garantia da palavra da outra parte contractante.

**UM ARTIGO DE ROCKEFELLER**

COMO ELLE GANHOU OS MILHÕES

(Das Novidades)

Dissemos ha dias que Rockefeller, o *rei do petroleo*, possuia uma fortuna não inferior a dois mil contos de renda por mez. O *rei do petroleo* está, como egualmente dissémos, não longe de Paris, em Compiègne, a *passar uma temporada na Europa*, segundo a expressão. E' notorio que Rockefeller é considerado um mau homem, egoista, indifferente aos males e desgraças alheias, duro e avarento para com a sua unica filha, e unico parente proximo, a qual mais que modestamente vive com um pobre professor, com quem tem uma ranchada de filhos.

O milionario, por isso, e pelos meios immoraes com que dizem ter angariado tão fabulosa fortuna, tem sido asperamente censurado, incluindo os seus compatriotas, que são os primeiros a condemnal-o com a maior severidade. Quando semelhante montanha de ouro se desloca era natural que os miseraveis, os famintos, fossem requerer-lhe uma esmola. Mas deixaram-se d'isso. Rockefeller não dá um vintem, mesmo falso. Na esperança de poder *passal-o* em qualquer kiosque de jornaes.

Os que, porém, nunca o largam, porque nunca desanimam, são os *reporters* das gazetas, tentando por todos os meios entrevistá-lo, rasgar-lhe a alma e pô-la bem a nú. Mas o homem dos *dois mil contos de reis de renda por mez*, esquiva-se, foge, não recebe. Raros teem conseguido ouvir dos seus labios delgados, da sua bocca aberta n'um golpe rapido de navalha, o pretexto do seu egoismo monstruoso e satanico, e a explicação, ainda que falsa, dos meios moralmente illicitos com que, a tantos milhares de luctadores, arrancou as suas centenas de milhões de dollars.

O milionario, porém, para evitar o escapello dos entrevistadores, e para se justificar, a seu modo e de uma vez, perante a opinião publica, resolveu-se a escrever, ou a pedir que lhe escrevessem uma especie de artigo, que mandou para alguns jornaes, artigo que naturalmente não devia ter sido publicado sem que Rockefeller puxasse pelos cordões á bolsa, bem contra sua vontade.

**Os seus primeiros passos na vida**

D'esse artigo auto-biographico vamos reproduzir os trechos principaes, começando pelos periodos em que o milionario se refere á educação que lhe deu o pae, e a quem elle attribue os seus avançados progressos materiaes. Diz o proprio Rockefeller:

«Meu pae ensinou-me todos os trabalhos miudos que podia executar um rapaz da minha idade. Aos sete annos, ensinou-me a cuidar de vaccas, como se eu fosse um camponez. Isto tem aparentemente pequena importancia; mas foi por ahi que eu comecei...»

Aos oito annos o pae entregou-lhe um cavallo, para serviço da casa, e, segundo Rockefeller, o auctor dos seus dias deu-lhe este conselho:

«—Meu filho, toma cuidado ao descer alguma colina. Procura evitar que o animal dê um passo em falso. Mas quando te vires já na planicie, deixa-o trotar á vontade!»

Continúa.

**EDITOS DE 30 DIAS**

(2.<sup>a</sup> Publicação)

Na comarca d'Ovar e pelo car-

torio do escriptão Freire de Liz, correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», citando os interessados Albino da Silva Mattos, e Antonio da Silva Mattos, casados, auzentes nos Estados Unidos do Brazil, em parte incerta, para assistirem a todos os termos, até final, do inventario orphanologico por obito de seu pae José de Mattos, viuvo morador, que foi, no logar do Seixo de Cima, freguezia de Vallega, sem prejuizo do seu andamento.

Ovar, 18 de Junho de 1906.

Verifiquei.

O Juiz de Direito  
Lobo Castello Branco

O Escrivão,  
Antonio Augusto Freire de Liz

**EDITAL**

Candido Passos d'Oliveira Valença, Tenente-coronel e commandante do districto de recrutamento e reserva n.º 24.

Faz saber para os devidos effectos que, nos termos do § 1.<sup>o</sup> do artigo 73 do regulamento para a organização das reservas de 2 de novembro de 1899, são convocados para o 1.<sup>o</sup> periodo de 30 dias d'instrução, os reservistas da 2.<sup>a</sup> reserva do regimento d'infanteria de reserva n.º 24, residentes ou domiciliados na freguezia de Arada, Cotegaça, Esmoriz, Maceda, Ovar, S. Vicente e Vallega concelho de Ovar, devendo para tal effecto apresentarem-se no quartel do regimento d'infanteria n.º 24 no dia 1 d'agosto de 1906.

Os reservistas que se deixarem de apresentar, no tempo competente segundo o prescripto no artigo 73 do sobredito regulamento, serão considerados desertores e punidos nos termos dos artigos 126 e 135 do codigo de justiça militar.

Quartel em Aveiro, 26 de Junho de 1906.

O Commandante

Candido Passos d'Oliveira Valença, Tenente-Coronel.

**Arrematação**

No domingo, 15 de julho proximo pelas 11 horas da manhã, á porta do tribunal do commercio d'esta comarca, sito na Praça de Ovar e a requerimento do administrador da fallencia do commerciante Manoel Dias Vieira, solteiro, da Cancellaria de Cortegaça, hão de ser postas em praça para serem arremattadas por preços superiores aos das avaliações, todas as fazendas arroladas na dita fallencia Para arrematação são citados quaesquer credores incertos.

Ovar, 27 de junho de 1906.

Verifiquei a exactidão

O Juiz Presidente do tribunal do commercio.

Lobo Castello Branco

O escrivão

Angelo Zagallo de Lima.

**CANDIDO—DENTISTA**

Largo dos Campos—Ovar

Participa aos seus amigos e freguezes que mudou o seu estabelecimento para aquella Largo, onde executa todos os trabalhos dentarios e prothese com perfeição e modicidade de preços.

Collocam-se dentes desde 1\$000 rs. a 3\$500 rs.

# TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

## MONTEIRO & GONÇALVES

NUMERO TELEPHONICO, 737

N'esta bem montada officina typographica imprime-se com promptidão, nitidez e por preços excessivamente baratos todo e qualquer trabalho que se diga pertencente a arte typographica, taes como: facturas, mappas, recibos, enveloppes, cartões de estabelecimentos, memoranduns, circulares, obras de livros, jornaes diarios e semanaes e desde o simples e modesto cartão de visita a 150 réis o cento e mais preços.

Fazem-se impressões em todas as côres.

Enveloppes desde 1\$200 réis o milheiro

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

**RUA DE S. CHRISPIM, 18 A 28**

Com entrada pela Rua dos Mercadores, 171

**PORTO**

### EXTRACTO DO CATALOGO

DAS  
Obras á venda no BAZAR FENIANO  
DE

**ANTONIO DA SILVA SANTOS**

264, RUA DO MOUSINHO DA SILVEIRA, 270—PORTO

#### Edições d'esta casa

Almanak do Velho Astrologo Saragoçano	60
Almanak Imperador dos Seringadores	60
Almanak Propheta da Europa	40
Cancioneiro popular das festas do Menino de Deus, ou Repositorio completo de todas as cantigas de boas-festas do Natal, Janeiras e Santos Reis.	60
Novas cantorias cantadas ao desafio entre Manoel e Maria.	60
Orações de Nossa Senhora do Monserrate, do Justo Juiz de Nazareth e das Cinco Chagas. Cada uma	40
Ramallete de cantigas populares portuguezas (n.º 1)	60
Reportorio do Importante Saragoçano, pelo astrologo trasmontano	20
Reportorio do verdadeiro Borda Leça, pelo mesmo	20
Reportorios do verdadeiro Borda d'Agua (chapêo, carapuça estreita e carapuça larga). Cada um	20
Testamentos de diversos animaes (16 n.ºs). Cada um	40
Collecção completa: 1 vol. de 256 paginas, brochado	120
Verdadeira arte de cada pessa conhecer a sua signa	20

Fazem-se grandes descontos aos snrs. revendedores.

## ESTAÇÃO CALMOSA

Sou forçado a não mais ao LUZIO  
O seu VINHO gabar no JORNAL;  
Pois é justo, eu digo e repito  
Que depressa termine este mal.

—As DONZELLAS SOLTEIRAS já 'stão  
C'o as VENTAS TORCIDAS, zangadas;  
E já muitas mandaram calar-me  
Sob pena das CALÇAS... TIRADAS.

E' o cazo: S'eu fosse escrevendo  
Estes versos; eu bem desconfio!  
—Os rapazes trocavam as PÉPIAS  
Por um copo do TAL... do Luzio.

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco

**ANTONIO DA SILVA BRANDÃO-O LUZIO**

## MERCEARIA PINHO & IRMÃOS

—LARGO DA PRAÇA—

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possível aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender  
Azeitona d'Elvas a 220 réis o Kilo.

Deposito do Café Moido Especia

**O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR**

## Aos Caçadores

Grande e variado sortido em espingardas centraes e de vareta, clavinhas, revolvers, pistolas e todos os artigos concernentes. Grande variedade em polvoras pyroxiladas taes como a Schultre, Empire, Coop-pal, Ballistite, Canonite, E C, Rottweiler, Regina e Horrido. Preços sem competencia.

Visitae o

**BAZAR DOS CAÇADORES**

R. SANTO ANTONIO, 40—Porto.